

4468 7606

2
94

CIDADES

ÍNDIOS

Parecis querem ser alfabetizados na própria língua e em português

A dificuldade é encontrar educadores dispostos a irem para a aldeia continuar trabalho de missionários.

SPI proibia a língua nativa

Da Reportagem

A aldeia Jijiholiwina fica a cerca de 90 quilômetros de Pontes de Lacerda e tem aproximadamente 70 pessoas. O território dos Parecis tem uma extensão de cerca de 250 quilômetros onde existem aldeias espalhadas em locais isolados. A distribuição dos índios em várias aldeias, segundo a professora Maria Dolores Medeiros Lima, é para impedir a invasão — que acontece com frequência — das terras. De acordo com ela, toda a tribo dos Parecis tem aproximadamente 500 índios.

A proximidade com o "homem branco", como disse a professora, inibe e deixa os índios complexados. Quando não trazem influências mais negativas como o vício em bebidas alcoólicas. Antes de ir trabalhar na aldeia a professora Maria Dolores fez um curso de linguística no Instituto Wicliffe, em Brasília, onde teve noções de antropologia e foi instruída a alfabetizar os índios sem interferir na cultura nativa.

Antes desse trabalho de alfabetização bilingue dos índios, há cerca de 25 anos, eles eram proibidos de falar sua própria língua. O Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que existia antes da Funai, implantou escolas nas aldeias Parecis onde apenas o português era ensinado. "Quando alguém falava a língua Pareci na sala de aula o professor repreendia batendo no índio com uma régua", contou Maria Dolores. O trabalho de alfabetização dos índios Parecis está sendo desenvolvido pela Igreja Pentecostal Filadélfia, que já está preparando mais duas educadoras para mandar à aldeia para continuar o trabalho da professora Dolores.

A professora frisou que não há mais verba da Funai para a aldeia e os índios estão desassistidos. Ela considera o trabalho com os índios sacrificado, mas gratificante e disse que o fez por vocação. (V.C.)

VALÉRIA CRISTINA
Da Reportagem

Desde que começaram a ter suas terras invadidas pelo "homem branco" os índios — com raríssimas exceções até agora — foram perdendo as características de sua cultura em favor de uma outra que lhes foi imposta e teve que ser assimilada, ou pela força bruta, ou pela própria necessidade de sobrevivência. Apesar disso, os índios, como qualquer ser humano, ainda lutam para passar a cultura nativa para seus filhos — não deixando que ela se perca no tempo —, sem deixar de lado a cultura do "homem branco" que se tornou necessária à medida que as tribos deixaram de ser auto-suficientes. Um exemplo disso são os índios Parecis que vivem na região do Pontes e Lacerda, a 470 quilômetros de Cuiabá, e têm escolas onde são alfabetizados em sua própria língua e em português.

O trabalho com os índios Parecis começou na década de 60 quando um casal de missionários americanos desenvolveu um estudo no local, criando um alfabeto próprio para a língua Pareci que terminou com a criação de um dicionário. Dicionário esse que foi — e ainda é utilizado — pelos educadores que trabalham com os índios.

O alfabeto Pareci tem 14 consoantes, quatro vogais e nas palavras não existem sílabas complexas como "ss, rr, sc, etc" como no português. Apesar disso, os próprios índios não se conformaram em apenas ler e escrever em sua língua. Segundo a professora Maria Dolores Medeiros Lima, que trabalhou na aldeia Jijiholiwina durante 13 anos, os índios reclamavam que quando iam à cidade vender seu artesanato — uma das principais fontes de renda da aldeia — eles não sabiam falar, nem ler o que estava escrito em português.

De acordo com Maria Dolores, há divergências de opiniões entre se alfabetizar os índios apenas na língua nativa, apenas em português ou nas duas línguas. A

Album de família



Professora Maria Dolores Medeiros Lima na aldeia Jijiholiwina, dos índios Parecis, em Pontes e Lacerda

Marcus Valente/DG



Professora Maria Dolores: "Língua só falada se perde logo, e cultura se vai"

professora defende a alfabetização bilingue "porque eles não sobrevivem mais isolados na aldeia". "Pelo menos os índios de Mato Grosso não têm mais condições de sobrevivência sem a influência do homem branco. Eles já contrairam as nossas doenças e não são auto-suficientes". Além disso, a professora destacou que é importante a alfabetização na língua nativa porque "língua apenas falada logo se perde em pouco tempo, a cultura também se vai e o povo fica limitado".

A professora Maria Dolores, baseada no dicionário da língua Pareci criou duas cartilhas bilingues para alfabetização dos índios, além de algumas traduções do evangelho que já haviam sido feitas pelos missionários americanos. Uma escola foi montada na própria aldeia, mas por falta de quem se candidatasse ao trabalho está parada há dois anos, desde que Maria Dolores deixou a região. Conforme ela, é difícil encontrar quem queira fazer esse tipo de trabalho pelas condições precárias de vida que se tem que enfrentar.

4468

1 94

CIDADES



LÍNGUA - Graças ao trabalho de pessoas como a professora Maria Dolores Medeiros Lima (foto), os índios parecis, que vivem no oeste do estado, preservam sua cultura estudando tanto sua língua nativa quanto o português.